

ACORDO DIVIDE POLÍTICOS E ECONOMISTAS

Para Fleury, país não tinha outra saída

Luiz Antônio Fleury, governador de São Paulo: "O Brasil teve de ceder para chegar ao acordo, porque não tinha outra saída. Mas foi melhor assim. Como diz um velho ditado corrente entre advogados: antes um mau acordo que uma boa demanda. O acordo tem que ser aproveitado para conseguir dinheiro novo para a retomada do desenvolvimento, e não para promover ainda mais recessão".

César Maia, deputado federal (PMDB-RJ): "O combate à inflação poderá ser o grande prejudicado pelo resultado do acordo com o Clube de Paris. O governo não terá condições de fazer frente ao pagamento, aumentando a sua arrecadação, já que a receita fiscal prevista para 1992 já está comprometida. Para desembolsar US\$ 800 milhões a mais, o governo terá que emitir moeda ou títulos públicos. E isso terá um efeito inflacionário".

Alcides Tápias, presidente da Febraban: "O acordo com o Clube de Paris significa mais um passo para restabelecer a comunicação entre o Brasil e a comunidade financeira internacional e, conseqüentemente, retomar as linhas de crédito para financiamento repassadas pelos bancos

privados".

Edmar Bacha, economista: "É preciso observar que este é um jogo de tempos sucessivos; Não se pode avaliar sucessos ou fracassos de acordo com o resultado de determinado set. Vale a pena o Brasil perder alguns milhões de dólares, em troca de um acordo que possa render ao país novos empréstimos e maior confiança no mercado externo".

Henrique de Campos Meirelles, presidente do Banco de Boston: "O acerto foi positivo porque permite negociar com as agências governamentais e abre caminho para o passo seguinte, com os bancos privados".

Reinaldo Gonçalves, economista da UFRJ: "O governo está fechando acordos apressados com os credores internacionais do País. Mas o benefício político que espera colher dessa estratégia poderá ser anulado pelo alto custo financeiro. O acordo com o Clube de Paris pode levar o país a um nível insustentável de reservas cambiais, até porque o Brasil ainda terá que comprometer outra parte de suas reservas para fechar o acordo com os bancos privados".